

## **Teoria sobre os universais de Juan Espinosa Medrano, ‘El Lunarejo’**

## **Teoría sobre los universales de Juan Espinosa Medrano, ‘El Lunarejo’**

## **Theory on universals by Juan Espinosa Medrano, ‘El Lunarejo’**

Flávia Rodrigues  
UNISINOS, RS (Brasil)  
avocuca@gmail.com  
ORCID: 0009-0001-4984-9852

Fecha de recepción: 28-06-22

Fecha de aceptación: 16-11-22

### **Resumo**

Este artigo toma como ponto de partida evidenciar a singularidade literária e filosófica do vice-reinado do Peru na figura de um dos mais proeminentes representantes desta cultura no século XVII, o padre dominicano cusquenho Juan Espinosa Medrano, conhecido também como ‘El Lunarejo’. Busco de maneira introdutória apresentar os seus trabalhos literários e filosóficos mais significativos, e, em seguida, destacar a sua teoria a cerca dos universais, mais

especificamente a sua análise inovadora sobre as divergências entre Platão e Aristóteles em relação ao tema, assunto dissertado em seu livro *Philosophia Thomistica seu Cursus Philosophicus*, publicado em Roma em 1688. Dada a pluralidade conceitual que frequentemente se entrelaça a respeito das teorias sobre os universais e para uma adequada valorização dos escritos de Medrano, procurarei transcrever seus conceitos respeitando fielmente os seus pressupostos. Conto fazer ver a relevância dos trabalhos de Juan Espinosa Medrano na formação do pensamento filosófico e literário latino-americano.

**Palavras-chave:** Juan Espinosa Medrano, Platão, Aristóteles, Universais

## Resumen

Este artículo parte destacando la singularidad literaria y filosófica en el virreinato del Perú en la figura de uno de los más destacados representantes del siglo XVII, el sacerdote dominico cusqueño Juan Espinosa Medrano, también conocido como 'El Lunarejo'. Busco de manera introductoria presentar sus obras literarias y filosóficas más significativas, para luego destacar su teoría sobre los universales, específicamente su innovador análisis de las diferencias entre Platón y Aristóteles sobre el tema, contenido de su libro *Philosophia Thomistica seu Cursus Philosophicus*, publicado en Roma en 1688. Dada la pluralidad conceptual que suele entrelazarse con las teorías sobre los universales y para una adecuada apreciación de los escritos de Medrano, intentaré transcribir fielmente sus teorías respetando sus presupuestos. Pretendo mostrar la relevancia de la obra de Juan Espinosa Medrano en la formación del pensamiento filosófico y literario latinoamericano.

**Palabras clave:** Juan Espinosa Medrano, Platón, Aristóteles, Universales

## Abstract

This article begins by highlighting the literary and philosophical singularity in the viceroyalty of Peru in the figure of one of the most outstanding representatives of the 17th century, the Dominican priest from Cusco Juan Espinosa Medrano, also known as 'El Lunarejo'. I seek in an introductory way to present his most significant literary and philosophical works, to then highlight his theory on universals, specifically his innovative analysis of the differences between Plato and Aristotle on the subject, contained in

his *Philosophia Thomistica seu Cursus Philosophicus*, published in Rome in 1688. Given the conceptual plurality that is usually intertwined with theories on universals and for a proper appreciation of Medrano's writings, I will try to faithfully transcribe his theories respecting his assumptions. I intend to show the relevance of Juan Espinosa Medrano's work in the formation of Latin American philosophical and literary thought.

**Keywords:** Juan Espinosa Medrano, Plato, Aristotle, Universals

À medida que historiadores vão avançando nas suas pesquisas, a imagem de Juan Espinosa Medrano, El Lunarejo, é reconstruída e transformada ganhando clareza e galgando sua excepcionalidade.

Quanto à sua vida fora do *Seminário de Santo Antonio de Abad de Cuzco*, pouco sabemos. É bem provável que tenha nascido na região de Apurimac no Peru, mas não há provas documentais sobre estes dados e muito menos sobre sua filiação. A sua data de nascimento, carente de documentação é colocada é colocada aproximadamente entre 1628 e 1632, mas a data da sua morte, considerada oficial pelos historiadores, teria ocorrido em novembro de 1688 na cidade de Cuzco no Peru. Pela falta de certezas no que respeita sua origem, e pela vida paralela, ainda arraigada na tradição apurimeña, a sua biografia ainda é um campo excitante de pesquisa.

O que comprovadamente podemos dizer sobre Lunarejo é; que já era estudante do Seminário de Santo Antônio em 1645 e lá foi professor de Artes e Teologia, e que em 1654 recebeu seu título de doutor em Teologia pela *Universidad de San Ignacio de Loyola*. De 1655 a 1659 trabalhou como sacário da catedral e mais tarde tornou-se cura em San Cristobal e em Chincheros. Em 1687 atuou como tesoureiro do conselho eclesiástico e foi promovido a arqui-diácono um pouco antes de morrer. Medrano foi um gênio precoce e brilhante, possuía enorme talento e habilidade com idiomas, falava castelhano, latim e quéchua e, conhecia também grego e hebraico.

Grande parte de suas produções, acadêmicas e literárias, foram motivadas pelo seu envolvimento com o *Seminário de Santo Antônio*. O seu famoso *Apologético em favor de Don Luís de Góngora* revela em sua forma a estrutura dos debates característica de sua formação escolar, obra que lhe deu enorme reputação literária no período colonial continua a ser analisada por conter

elementos essenciais sobre as primeiras reflexões em torno da consciência *criollo*. Por outro lado, particularmente sua obra *Thomistica Philosophia* e a coleção de seus sermões, *A Novena Maravilha*, publicadas postumamente na Espanha, cumprem o objetivo de demonstrar as qualidades intelectuais de seus mestres do seminário. Medrano escreveu em quechua dois autos sacramentais, *El robo de Proserpina y sueño de Endimión* e *El hijo pródigo*. Entre outras obras literárias, não menos importantes, destacamos: *Panegírica declamación por la protección de las ciencias y estudios*, *La novena maravilla*, *Amar su propia muerte*.

O seu alto grau de conhecimento em cultura clássica, renascimento, barroco hispânico e teologia tomista permitiram-lhe criar um complexo e diversificado trabalho. Com muita facilidade formulava discursos que sustentavam os valores imperiais e, ao mesmo tempo, debatia sobre os preconceitos dos europeus em relação ao desenvolvimento da vida intelectual do Novo Mundo.

*Amar su propia muerte*, uma de suas obras teatrais, continua a ser objeto de investigação acadêmica por suas ideias, estrutura e significado no contexto histórico do vice-reinado. A comédia baseada no Livro dos Juizes do Antigo Testamento, tem sido relegada para um segundo plano e pensada apenas como uma obra da juventude de Medrano, mas, na verdade, trata-se de uma obra literária de criação singular que, de um lado, representa o mistério da *Imaculada Conceção de Maria* e, de outro, a vitória dos espanhóis em Cuzco graças à intervenção do apóstolo Santiago e da Virgem Imaculada. Trata-se de uma comédia bíblica, com forte celebração do poder militar, religioso e político espanhol, elaborada para combater o pecado e a idolatria. Conforme Garrido, as obras de Medrano não tinham a intenção de questionar os valores imperiais, mas fazê-los melhorar suas posturas. Representavam um discurso com força de expressão «universal», o que permitiu equipará-lo, de maneira analogaos melhores intelectuais do Velho Mundo.

*El robo de Proserpina y sueño de Endimión* era uma peça teatral religiosa alegórica que encenava a salvação da humanidade. Para sua composição Medrano consultou diversas obras literárias, como as *Metamorfoses* de Ovídio, a *La serrana de Plasencia y Psiquis y Cupido*, de José de Valdivieso e a *Philosophia secreta* de Juan Pérez de Moya. A peça era composta por aproximadamente mil e setecentos versos escritos em quechua da época

colonial. Em 2010, Cesar Itier<sup>1</sup>, traduziu e editou este auto sacramental, dando-lhe uma nova versão, fato, que, segundo Guibovich Pérez (2011), aproxima Medrano da Companhia de Jesus, pois, embora Medrano fizesse parte da ordem dominicana, a sua formação acadêmica ocorreu na Universidad de San Ignacio de Loyola e, muito provavelmente, as peças teatrais escritas pelos jesuítas influenciaram suas obras.

Tratarei aqui mais especificamente capítulo dos Universais, parte da obra *Philosophia Thomistica*, publicado em Roma em 1688. O livro contém 460 páginas e está; dividida em quatro tomos; o primeiro trata a natureza da lógica e os seus procedimentos formais; os outros três são dedicados aos universais, os predicamentos e à metodologia científica. Os quatro tomos foram alicerçados nas obras de Pedro Hispano (*Summulae Logicales*), de Porfírio (*Isagoge*) e de Aristóteles (*Categorias e Analíticos posteriores*).

O debate filosófico sobre os universais no Peru do século XVII concentrava-se na polêmica entre os representantes das três escolas fundamentais do pensamento filosófico católico: a tomista, defendida pelo cuzquenho Juan Espinosa Medrano; a escotista, defendida pelo chachapoyas Jerônimo de Valera, e a nominalista, apoiada pelo limenho Alonso de Peñafiel. O objetivo do debate era verificar a possibilidade de, partindo de línguas fragmentadas como o quechua e o aimará, construir uma linguagem única e adequada para transmitir a evangelização cristã dogmática e universalista, cujo conteúdo era cultural e ideologicamente adverso ao do povo latino. Este debate surgiu num contexto social e político chamado ‘extirpação de idolatria’, com a pretensão de que os indígenas abandonassem seus cultos religiosos particulares e aceitassem a existência de um único deus universal. O debate permitiu a incorporação das línguas ameríndias de forma essencial para a transmissão dos dogmas cristãos, desempenhando um papel decisivo na constituição da vida e dos sentidos comuns da sociedade peruana.

Os jesuítas iniciaram uma estratégia discursiva relativamente nova e muito complexa comparada às tradicionais investidas evangélicas contra o poder simbólico dos curacas. A estratégia girou em torno de dois problemas da filosofia da linguagem, tradução e comunicação, chamados por Chomsky de o ‘problema de Descartes’ e o ‘problema de Platão’, que basicamente consistem

---

1 Espinosa Medrano, Juan de. *El robô de Proserpina y sueño de Endimion. Auto sacramental em quechua*. Edição e tradução de Cesar Itier. Lima: Instituto Riva-Agüero e Instituto Frances de Estudios Andinos, 2010. 217 pp.

em perceber como é possível aceder ao conhecimento em outras mentes e como adquirir conhecimentos que ultrapassem as nossas experiências individuais.

A teoria sobre os universais de Medrano, análoga com os escolásticos europeus, apresentou contribuições verdadeiramente originais. O seu trabalho girou em torno das associações que fazemos sobre as coisas singulares existentes, os conceitos gerais que formamos a partir delas e a unidade ontológica que está ‘por detrás’ das associações extra mentais que realizamos na natureza. O seu pensamento segue o ‘universal no ser’. Não se tratade um conceito subjetivo que o homem forma em sua própria psique, mas sim de uma concepção de «representação» segundo o conceito de ‘palavra’ para os estóicos e a concepção de (*Vorstellungen-an-sich*) ‘representação em si’ de Bolzano. A palavra para Medrano tem representação corpórea e incorpórea, e, por conseguinte, a representação da coisa em si não é captada pela percepção, mas sim a partir da percepção; ou seja, não há uma doação direta dos conceitos, a doação é mediada (essa é a teoria platônica).

Quando Medrano se referiu à ‘conveniência dos princípios de raciocínio’, no seu tratado sobre os universais, estava a referir-se à semelhança entre as faculdades de pensar de vários homens, as quais são verdadeiramente distintas umas das outras. A unidade do universal é puramente mental no sentido de que não há nenhuma coisa comum na realidade. A unidade mental do universal traça sem duvida um paralelo nas coisas reais, entre semelhança real e semelhanças características das coisas. Lunarejo referiu-se aqui aos graus essenciais; gênero, diferença e hierarquia essencial que convém a cada ser, porém não exclui outros predicados e acidentes contingentes.

Conforme Medrano, a teoria sobre os universais de Aristóteles diz ser necessário pressupor um universal na realidade para garantir a referência objetiva da ciência, porque esta não trata de coisas individuais, somente generaliza sobre elas. Cito Lunarejo sobre singularidade e universalidade das coisas:

Podemos afirmar seguramente que os universais são identificados pelas coisas singulares e que não existem sem elas. Mas a ciência não trata das coisas por razão de sua singularidade ou enquanto são singulares, a ciencia deve encontrar, dentro das coisas singulares, as essências que as identificam. Pois há uma grande diferença entre o seu modo de existir e o de ser conhecido. Por exemplo, a cor existe na maçã unida ao sabor e ao aroma, mas é percebida pela visão sem aroma e sabor. D mesma forma, a ciência em seu entendimento percebe ‘homem’ sem perceber sua ‘pedridade’, se bem que homem não pode separar-se de Pedro (68:64)<sup>2</sup>.

---

2 W. Redmond, 1972.

Medrano acreditou tratar-se de um assunto fácil provar a existência de universais materiais na realidade, porque é evidente que dois homens, por exemplo, coincidem e se assemelham por serem homens. Podemos então definir o universal como a coisa multiplicada por uma conveniência das coisas singulares, enquanto estas são semelhantes em algum predicado ou em alguma perfeição essencial, embora sejam dessemelhantes em sua singularidade.

Lunarejo propôs desta forma uma objeção contra sua doutrina; a existência de uma ciência não implica a presença de seu objeto, pois existem ciências cujos objetos não são reais, como exemplo a lógica, ou coisas que não existem no momento em que as estudamos, como o botânico que estuda uma rosa quando ela não está presente na natureza. A resposta para Medrano tornou-se evidente: a ciência dispensa as características temporais e a existência do objeto, limitando-se à essência do mesmo. A lógica tão pouco estuda a existência do seu objeto, e sim a conexão essencial e necessária do mesmo. A ciência estende-se às coisas que não existem, pois o seu objeto 'é o possível'.

Para Medrano a questão dos universais estudada por tomistas e escotistas é obviamente ininteligível porque falta ao seu contexto uma relação com a metafísica das essências. Lunarejo estrutura a sua teoria sobre as essências da seguinte forma; divide o ser em três níveis: o 'ser-em-si' e o 'ser-de-outro'. O 'ser-de-outro', por sua vez, é dividido em 'ser-da-essência' e 'ser-da-existência'. O 'ser-em-si' é Deus da tradição cristã escolástica (constando ele mesmo de elementos bíblicos, neoplatônicos e aristotélicos). O ser-de-essência corresponde (em grandes características) ao mundo das ideias de Platão, e o ser-da-existência ao mundo sensível de Aristóteles. É indispensável ter em mente, para melhor compreensão desta teoria, que a divisão ser-essência e ser-existência não tem relação com a divisão 'matéria' e 'espírito', comum no conceito formal de homem. Para Medrano o ser-essência e o ser-existência são tão concretos como partes de um corpo. Deus estrutura o ser-essência pela ideação, no sentido de que a 'ideia/essência' é o objeto da razão ou ideia divina, identificada, ela mesma como a essência divina; não é mais do que Deus intuindo sua própria imitabilidade 'para fora'. Por outro lado, a relação de dependência entre Deus e o ser-existência mantém-se entre a vontade divina e a coisa produzida, a qual é exemplo da imitabilidade divina objetivada de infinitas maneiras nas ideias-essências.

A ideia/essência, contendo a ideia divina, é o universal antes da coisa. A ideia-essência organiza-se hierarquicamente, como o *symploké*

(entrelaçamento de formas) de Platão, da mesma forma que supõe Aristóteles. As formas entrelaçam-se de diversas maneiras, formando complexas concatenações interrelacionadas. Há aqui a busca entre os dois sentidos do ente, a singularidade e a identidade, *aquilo* que delimita o que ele é e *aquilo* que delimita o que ele não é. Ao mesmo tempo, a ideia-essência age como a raiz que estabiliza a coisa na realidade, possibilitando à ciência humana estruturar e constatar proposições. As ideias para Platão representam *o que algo é e porque algo é*; não são um conceito imanente às coisas, elas realmente existem e mantêm uma relação assimétrica de ‘instanciação universal’ com as coisas. As ideias sempre são aquilo que são, mantêm uma propriedade ontológica e precedem as coisas no mundo.

Porém o homem não conhece as ideias/essências diretamente e nem as recorda; toma consciência delas através da coisa criada, por uma ‘conveniência’ encarnada. Cada coisa tem sua própria natureza e não a compartilha com outra coisa, mas há uma relação de semelhança na natureza entre uma coisa e outra. Este fato nos permite dizer que duas coisas da mesma espécie são ‘uma’ pela ‘unidade de conveniência’ e não pela singularidade. É esta relação de semelhança que estrutura o conhecimento universal humano. Porém, como veremos, o objeto imediato do conhecimento universal é o ‘conceito objetivo’, a única parte material que podemos chamar fundamentalmente de universal conforme a teoria tomista defendida por Medrano. O ser próprio das coisas reais é o ser-existência ou de subsistência. Este ser estrutura-se em proposições factuais, que não são determinadas semanticamente, pois a sua verdade não depende somente da ideia/essência possível, mas sim do seu reflexo naquilo que existe.

Medrano não desenvolve com rigor a relação exata entre a ideia-essência e a coisa singular. Mas, é possível afirmar que a ideia/essência é a causa formal-exemplar e final das coisas que caracteriza, e como tal não se distingue delas existencialmente. A ideia-essência não é uma causa eficiente de ordem física, quando dissemos que é uma causa formal, ao referir-nos à ordem metafísica: a ideia essência está nas coisas segundo a sua noção. Podemos considerá-la como distinta das coisas criadas individuais somente segundo o seu ser-essência não segundo seu ser-existência. O ser-essência está presente antes da existência; todavia identifica-se com o ser-existência das coisas reais quando estas são criadas. Não podemos falar de uma separação ‘espacial’ entre as ideias-essências das coisas, nem podemos dizer que Platão entendia que as ideias estão assim separadas das coisas.

Segundo Medrano, a relação de universalidade das coisas existentes é composta por um elemento real e uma construção mental; o ser é um conjunto concreto sujeito real (matéria) e razão (atividade mental). Podemos referir-nos a elas como uma universalidade de referência, e esta referência relaciona-se com o estar-em (intencional) fundamentada em estar na essência das coisas.

Quando Medrano equipara as essências escolásticas com as ideias platônicas, não faz mais do que reconhecer uma associação histórica, na qual de fato se encontram raízes em comum. Pois a estrutura geral da metafísica das essências aceite por Lunarejo é um platonismo interpretado por doutrinas aristotélicas (abstração) e cristãs (criação). Medrano asseverou que “quando os aristotélicos atacaram Platão feriram-se com suas próprias armas” pois, «Tudo o que é necessário para constituir o universal platônico é encontrado na possível e eterna essência da coisa descrita pelos aristotélicos (62:38)»<sup>3</sup>.

Esta visão platônica, com elementos aristotélicos e cristãos, foi a mesma defendida por Bolzano no início do século XIX. Na perspectiva de Bolzano, os nossos juízos e representações subjetivas tem como matéria uma proposição ou uma ideia, ou seja, são manifestações ou apreensões, e as suas representações subjetivas não são nem verdadeiras e nem falsas; só as proposições compostas por elas podem ser verdadeiras ou falsas; o conteúdo das representações ou proposições é identificado por Bolzano como a soma das ideias que as constituem. As proposições são entidades intencionais; não são mentais e nem linguísticas nem pertencem ao mundo real, mas, na perspectiva de Bolzano, pertencem ao reino daquelas coisas que não reivindicam a realidade, mas apenas a possibilidade.

Muitas questões sobre as obras de Platão continuam sendo discutidas hoje, e na grande maioria, as interpretações não passam de uma ‘redescoberta’ de questões há muito debatidas. Lunarejo obteve êxito frente aos seus opositores, rejeitou as pseudo inovações de alguns escolásticos dissidentes e provou que os latinos americanos estavam a altura dos grandes intelectuais europeus. No final desta breve apresentação, espero ter atingido o meu objetivo; mostrar a originalidade e engenhosidade dos pressupostos de Medrano quanto a teoria dos universais de Platão e sua inestimável importância na construção de uma linguagem única e adequada ao pensamento do povo latino americano.

Agradeço a todos que me oportunizaram este momento, e em especial ao meu professor orientador Dr Alfredo Culleton, pois sem ele esta monografia

---

3 W. Redmond, 1972.

não seria possível. Agradeço também ao Dr Walter Redmond por ter me enviado a sua notável tradução sobre a *Philosophia Thomistica* de Juan Espinosa Medrano e me ter confiado uma nova versão de seu livro ainda não editado. Agradeço também a Greta Manrique Gondolfo, bibliotecária da PUC de Lima, por sua incansável dedicação; bem como ao Dr Carlos Ballón Vargas, ao Dr José A. Rodríguez Garrido, ao Dr Milko Pretell, ao Dr Roberto Casales Garcia e ao Dr Sandro R. D’Onofrio, por todos os livros e textos enviados que tornaram possível este artigo.

### Referências bibliográficas

CISNEROS, Luis Jaime, *Para estudiar el sermonario de Espinosa Medrano*, Anuario de Letras, Lingüística y Filología, vol. 7, núm. 2, 2019, pp. 157-165. <http://dx.doi.org/10.19130/iifl.adel.35.0.1997.817>

CISNEROS, Luis Jaime y GUIBOVICH PÉREZ, Pedro, *Un raro opúsculo del Lunarejo*, Pontificia Universidad Católica del Perú, vol. 13, núm. 1, 1989.

ESPINOSA MEDRANO, Juan de, *El robô de Proserpina y sueño de Endimion. Auto sacramental em quéchua*, Edição e tradução de Cesar Itier, Lima, Instituto Riva-Agüero e Instituto Frances de Estudos Andinos, 2010.

ESTRADA, Juan Carlos Torchia, «Walter Redmond y la lógica escolástica en el Perú colonial», *CUYO*, Anuario de Filosofía Argentina y Americana, núm. 17, 2000, pp. 161-180.

FOSSATI, Lorenzo, «Bolzano VS Kant. O Case study das categorias», *Estudios Kantianos*, vol. 8, núm. 1. DOI: <https://doi.org/10.36311/2318-0501.2020.v8n1.03.p11>.

GARRIDO, José A. Rodríguez, *Espinosa Medrano, dramaturgo y colegial del Seminario de San Antonio Abad del Cuzco - Sujetos coloniales: Escritura, identidad y negociación en Hispanoamérica (Siglos XVI-XVIII)*, Carlos F. Cabanillas Cárdenas (Ed.), New York, IDEA/IGAS.

---, «La Identidad Del Enunciador En Los Comentarios Reales», *Revista Iberoamericana*, vol. 61, núm. 172-173, 1995, pp. 371-384.

---, «Modelo, imitación y cultura criolla en Juan de Espinosa Medrano», en *Literatura y cultura en el Virreinato del Perú: apropiación y diferencia*, vol. II, Biblioteca Nacional del Perú, 2017, pp. 439-472.

---, *Retórica y tomismo en Espinosa Medrano, Cuaderno de Investigación* núm. 4, Instituto Riva, Agüero, Pontificia Universidad Católica del Perú, 1994, p. 26.

GUIBOVICH, Pedro M., *El edificio de letras jesuitas, educación y sociedad en Perú colonial*, Lima, Universidad del Pacífico-Biblioteca Nacional de Perú, 2014. Hipertexto/www.hipertexto.com.co www.up.edu.pe.

---, «La ciudad letrada en el virreinato peruano (1680-1750) Balance Historiográfico», en *Los virreinos de Nueva España y del Perú (1680-1740) Un balance historiográfico*, Bernard Lavallé (ed.), Madrid, Collection de la Casa de Velázquez, 2019, pp. 119-131.

---, «Espinosa Medrano, Juan de. El robo de Proserpina y sueño de Endimion. Auto sacramental em quechua. Edición, traducción y estudio preliminar de César Itier», *Lexis*, vol. 35, núm. 2, 2011, pp. 386-389. <https://doi.org/10.18800/lexis.201102.008>.

GONZÁLEZ PORTA, Mario Ariel, «A polémica em torno ao psicologismo de Bolzano a Heidegger», *Síntese*, vol. 31, núm. 99, 2004, pp. 107-131, DOI: <https://doi.org/10.20911/21769389v31n9>

LEITE JUNIOR, Pedro, *O problema dos universais: a perspectiva de Boécio, Abelardo e Ockham*, Porto Alegre, EDIPUCS, 2001.

NIEL, Luis, «Antipsicologismo y platonismo en el siglo XIX: Herbart, Bolzano y Lotze», *Revista de Filosofía*, vol. 39, núm. 1, 2014, pp. 95-118.

MORAÑA, Isabel, *Viaje al silencio, exploraciones del discurso barroco*, Universidade Nacional Autonoma de Mexico, 1998.

REDMOND, Walter, *La lógica en el virreinato del Perú a través de las obras de: Juan de Espinoza Medrano (1688) e Isidoro de Celis (1787)*, tesis de doctorado, Lima, Universidad Nacional Mayor de San Marcos, Facultad de Letras y Ciencias Humanas, Lima, 1972.

---, «Dios y modalidad», *Arete*, vol. V, núm. 1-2, 1993, pp. 53-70. DOI: <https://doi.org/10.18800/arete.199301-02.004>

---, *Walter Redmond obras filosóficas I. Escritos de 1969 a 1984*, Walter B. Redmond y Roberto Casales García (Comp.), Puebla, Universidad Popular Autónoma Del Estado De Puebla, 2019.

TRABATTONI, Franco, *Platão*, São Paulo, Editora Annablume, 2012.

TURNER, Clorinda Matto, *Bocetos Al Lapiz de Americanos Celebres*, en *La complicada historia del pensamiento filosófico peruano siglos XVII y XVIII (Selección de textos, notas y estudios)*, José Carlos BALLÓN (comp.) Lima, 2011.

VITULLI, Juan, «Soberbia derrota: el concepto de imitación en el Apologético de Espinosa Medrano y la construcción de la autoridad letrada criolla», *Revista Hispánica Moderna*, vol. 63, núm. 1, June 2010, pp. 85-101. DOI: <https://doi.org/10.1353/rhm.0.0035>